

turbulência

Rafael Coelho*

LEt US\$

São todos meus irmãos, não são jornais
nem deslizar de lancha entre camélias:
é toda a minha vida que joguei.

"Consideração do Poema", *A rosa do povo*,
Drummond

LEt US\$ quebrados! tudo porque se bulinaram, umas
às outras, umas nas outras; umas centenas; dizem-nas
derivadas, prefiro-as safadas e originárias, e não; uma
semana "maldita"; em *Nibelungen*, na Alemanha, há
quem veja o mais prístino no Infinito. Deu um treco,
sem trégua, antes disso, fomos embolsados,

* Rafael Coelho é mestre pelo Departamento de Linguística. Contato:
coelhooclock@gmail.com.

todos US\$, eles já haviam conversado: “*desfazer de tais e tais ativos, uns tais assim vivos, assim semoventes; devolvê-los aos seus, já que se viu dos bois somente os magros, tal como acontece do Egito aos velhos hipotecários, e a minha cotação que caia!*”, comenta um, comenta todos; diz direto de Washington, correspondente e acusa: “*Miss Jeans criou um fundo pra absorver, modes, foi vendida a um preço*

bem maior que US\$, no mercado de bananas”. Turbulência. Sem o escândalo, muda a adaga de seta; no início, cabelos na montanha!

LET US\$ todos num parafuso! A tensão acerca dos lenços de seda, do Burj Dubai, terminou sem acordo. Enfim um fim ao todo; chamam então aquele: informou uma fonte: sem problemas, faz entrevista: conforme prevê o especialista que prometia ser boas as notícias: “*De consultas à boca fria, semana turbulenta, de vencidos atletas, vieram todos, no Auge da batalha, os mais possantes gladiadores, uma somatória*” (Bolsa de um desejo de carneiro!). Turbulência. Alguns dizem crise, não pode?! Pode. O câmbio despenca,

espanca US\$ e o banco, já de aço, com bilhões em pratos, pra cobrir buracos, afetou o vômito do plebeu. Uma quebra e o risco,

um pouco de US\$ toda a semana. Remédios de uma febre. Devedores, de blazers, corriam, recebiam, com euforia de ter emprestado

a algum de US\$. “*Seis bancos e ainda mais todo mundo*”, anunciaram, nesta semana, as tais hienas. Turbulência. Ah Bolsas! na noite desta segunda, segundo aço, o gládio central em Tóquio! Ah Bancos! à preço de banana cobre, *commodities*, Ah macacos ancestrais!

a quase anular todos US\$, *as Bank of America*. Um sonhar depois de uma queda, qual me prestaria, em mais

detalhada, em uns cem mil, assim tão flóreos! Assim tão prisioneiros! Foi só um erro no sistema, teima, teima...

Além de US\$, uma sigla semana, uma ação tua, me engana. Me assanha. Todinho! desde tal consequência, de hoje, até a derrocada, quase a quebrar!

De todos US\$, um coração, de tomar as espadas, de domar o dragão, desde os desdobramentos. Turbulência. Meu coração atordoado, falta-me coordenada pra enfrentar, poeta! a quem foi, a quem busca; a quem vende, umas tantas medidas; depois de domador do grito, mergulhada é a cabeça.

Todos US\$ sublimados, num todo nenhum; sem poder domar, sem poder pensar, sem poder cuspir; não te acompanhar, como me deveria; como pudesse ter sido objeto mais pronto, como pudesse ter recebido

mais um de US\$. Nos olhos, as espadas; mais um dólar, para deter o ir-lhe sônico; menos que sorte, teve do dinheiro a atenção; não me quero assustado, me quero inventor; durante isso, só cuspe diário, vou usar, longe da crise e do entusiasmo, nos ventos que me deixam as ações e me alastro.

E mais de US\$ a Ninguém, todo dia; porque Ninguém mais domina os valores de São Mito, por exemplo: o de Taiwan, o de Bogotá, e o de Johannesburgo.

Não acredito mais em US\$. E assim se faz tal capítulo problemático, gerado daquilo que pouco me credita.

O debate que se segue, sobre o poema “Turbulência”, de Rafael Coelho, foi realizado por e-mail no período de 18 a 25 de abril de 2011, pelos alunos de pós-graduação Andréa Catrópa, Edilson Moura e Lucius Provase*, bem como pelo autor do poema.

Lucius Provase: Coloco algumas primeiras impressões para que comecemos o debate. São apenas observações iniciais, ainda sem a profundidade que o poema e o debate merecem. Lembrei-me de “O Inferno de Wall Street” do Sousândrade ao ler o poema “Turbulências”. Não saberia precisar o que exatamente me fez tentar traçar uma comparação entre dois textos tão distintos em sua forma e temática. O uso do idioma inglês, a referência à relação entre dinheiro e mercado talvez tenham sido marcas em comum. Por outro lado, no texto de Sousândrade, há um jogo enunciativo muito rico, do qual participa também a forma do poema. Coisa que não encontrei no poema “Turbulência”. Apesar de muito rico, o jogo com US\$, que pode ser tanto “*us*”, dinheiro ou Estados Unidos, vejo que há diversas formas fixas escondidas em um poema que aparentemente seria em prosa. Há decassílabos e diversas redondilhas entre os parágrafos do texto. Contudo, o que poderia, num primeiro momento, funcionar como um jogo entre diversas referências enunciativas, como a referência às formas fixas ou a repetição de US\$; parece se perder em meio a uma crítica sem destino exato: o problema é o mundo? É a crise de 2008? É a literatura? Esta última, aliás, também diferentemente do poeta maranhense, aparece apenas uma vez no texto, em um autorreferência do enunciador, como se, de fora dessa crise, justamente por ser poeta, nada pudesse ser feito. Não que a literatura tenha de ter opinião formada sobre tudo, mas se a proposta é escrever sobre a crise, criticar o que quer que seja, parece-me que a literatura não pode prescindir de uma autocrítica.

* Andréa Catrópa e Lucius Provase são doutorandos do Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada do DTLLC-USP. Contatos: andreacatropa@gmail.com e luciusp@uol.com.br. Edilson Moura é mestre pelo programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV). Contato: edilson.moura@usp.br.

Edilson Moura: Permitam-me, antes, dar-lhes as boas vindas em nome da revista *Opiniões*, muito embora nossa editora já o tenha feito! Espero que essa experiência seja muito rica para todos nós, críticos e escritores. Vou também aqui introduzir ideias. Ainda mornas. Embora já de uma segunda leitura, menos ingênua do que a primeira que fiz. Concordo parcialmente com suas impressões iniciais, Lucius. Digo parcialmente, incluindo aí que é essa a razão que nos move inicialmente a articular os significados do texto à sua estrutura poética.

Há, no entanto, aparentemente uma crise enunciativa, ao meu ver, que vai tecendo certa ambivalência em termos de jogo dialógico: o título “Turbulências” parece-me articular-se a dois polos de sentido, duas turbulências: 1 - à da própria crise literária (estacionária nos âmbitos do modernismo e tributária ainda deste movimento: o ritmo do poema produz, na leitura em voz alta, sensação de uma enunciação mista de lirismo e telejornalismo; há uma voz prosaica, fria, de noticiário, em meio à tomada de posição do eu lírico, por exemplo, no momento em que este assume sua descrença nos Mitos econômicos, ainda que pareça-nos dizer que nada pode fazer); e 2 - permitam-me dizer que é, grosso modo, o que de imediato nos move o raciocínio e nos faz ligar o poema à turbulência financeira gerada pela especulação imobiliária de 2008. A questão, acredito eu, é saber se essa voz, segunda ou primeira voz, telejornalística, ainda é produtiva em temos poéticos, transcende a mera repetição de uma ideia e atinge algo novo que nos exprima historicamente. Isto é, há consciência de linguagem literária e, conseqüentemente, um trabalho desenvolvido em nível de prática poética autônoma ou é mero acidente? Inegavelmente o poema é muito bom. Mas penso que não é a ideia (o conteúdo) que conta, penso, sim, que seja atingir um nível de consciência de linguagem que permita uma prática artística acentuada. Porque, por exemplo, eu não vejo nenhuma ironia no jogo entre a estrutura e a ideia que

me permita dizer algo além que apontá-lo, algo além de indicar que há um jogo.

LP: Eu reli o poema procurando por esse ritmo do poema que o dividiria em duas situações enunciativas e não o encontrei. Não encontrei marcações distintas de acentuação ou mesmo, para retomar a ampla definição de ritmo que Meschonnic defende, marcações prosódicas, lexicais ou sintáticas, ou seja, ainda segundo o teórico francês, “a organização do movimento do discurso na escritura”. O que vi foram partes separadas do restante do texto por meio do uso das aspas, procedimento que me lembra muito o famoso poema de Bandeira “Poema tirado de uma notícia de jornal”, por separar as situações enunciativas poéticas das cotidianas, o que é poesia do restante, como se separasse, para facilitar o trabalho do leitor. Vejo, nesse procedimento, a completa ausência de polifonia.

Quanto a consciência da linguagem, correndo o risco de estarmos tratando de coisas distintas ao utilizarmos o termo, não a encontrei no poema. No trecho, para citar um exemplo, “espanca US\$ e o banco, já de aço, / com bilhões em pratos, /pra cobrir buracos,” temos um decassílabo e duas redondilhas em seguida, marcados pelas barras. Fiz essa divisão buscando encontrar uma prosódia da língua portuguesa. Qual a função dessa retomada, por meio de versos polimétricos, da tradição? É aí que está a crise literária? Dessa forma, não diria que este é um poema inegavelmente muito bom. Menos por considerar as ideias (o conteúdo), mas justamente por pensar nas práticas artísticas acentuadas.

Rafael Coelho: Boa noite a todos! Começo a leitura com vcs (ou a SEGUNDA leitura, da crítica). Antes de mais nada, gostaria de dizer que estou extremamente embaraçado com a situação: parece que tudo que passa pela minha cabeça é uma espécie de “auto” defesa.

Prometo pensar nisso, em mim, com o andar da carruagem... Mas por ora vou defender =;B

(1) Tudo bem... é isso aí: a crise de 2008! Mas na época... queria expressar a incapacidade do sujeito, sentida (por que não? SENTIDA) do eu-ou-US\$ “lírico” frente a doação de 3 trilhões de todos os países aos Bancos... e tals.

Lendo agora pensei num sujeitinho chato: naquela coisa toda de leitor bem informado, o comportamento do “indignado”.

MAS, pelo menos por razões pessoais (que também me categorizam), tem muito sentimento ali!

(2) Ali vi aquilo que muitos, há muito tempo, veem na literatura: as crises (os fracassos? não sei: muito difícil dar nomes aos bois, quando os bois são seus)... tratava-se de universalizar a dor, como em todos os tempos, como uma lição maior da humanidade... tipo isso... existia na literatura formas/ fôrmas (sousândrades, bandeiras e outros “lembrou-mes” dos leitores) que avisavam a muito tempo: é a crise! (não excluo o sentido revolucionário - num bom “subversivês”- da palavra). (Só uma obs. aqui: não “usei” de nenhum dos dois autores citados... lá, na escrita, eu só pensei naquele trecho do Drummond em epígrafe porque a crise de 2008 me clarificou (me referenciei) aqueles versos... naquele instante, dei um sentido a mais a ele)

(3) Daí me pergunto: trata-se da crise literária ou o sentido literário da crise?

Prometo pensar mais sobre esta minha última dúvida, que encontra sim o diálogo com a tradição (que aqui quero igualar à FORMA).

EM: Caro Rafael, é um prazer tê-lo em nosso debate. Defenda-se, por que não, se sentir que esse é um bom

caminho. Não esperava que isso fosse ser simples para quem escreve, cujas referências situacionais enunciadas, no ato de escrita, não podem se repetir de modo algum. Agora, segundo Bakhtin, ou segundo o dialogismo teorizado por ele não polifonia (que seria algo um pouco diferente lá na obra de Dostoevsky), o discurso deixa de ser monológico quando a voz de outro atravessa esse discurso e revela uma determinada consciência. Quando falei em dialogismo, falei disso. Revelar tal consciência seria uma das estratégias da literatura. Bem, os trechos mencionados por Lucius evidentemente não podem cumprir esta tarefa de revelar linguagens. Ainda que haja lá o discurso de outrem, eles não se caracterizam dialógicos. Talvez o autor não concorde, mas eles parodiam o discurso jornalístico (isso é monológico). Contudo, a repetição de “Turbulência” antes de alguns versos marca a manutenção do discurso jornalístico. A designação desse recurso é “chapéu” ou “vinheta” e se repete invariavelmente na introdução das chamadas de matérias ou de olhos. “Turbulência. Alguns dizem crise, não pode?! O câmbio despenca” ou “Turbulência. Ah Bolsas! na noite desta segunda, segundo aço, o gládio central em Tóquio!”. Finalmente, não estão nem entre aspas e nem em itálico. A marca deste discurso atravessando o outro está nesta marca: “Turbulência.” Eu quase escuto certo âncora virando-se para a câmera e dizendo “-Turbulência. Sem o escândalo, muda a adaga de seta; no início, cabelos na montanha!” Um determinado texto para apresentar dialogismo não implica em que seja necessariamente polifônico, tampouco que disso derive algum valor estético. Há muito texto que apresenta essa característica sem ter o menor valor literário. Acho interessante discutir se há turbulência na estrutura do poema, se ele dialoga ou não com a crise literária, o que portanto transcende a ideia da crise financeira sem deixá-la de lado: é marca de um tempo nosso. De mais ninguém. Quanto à crise da literatura. Acho que ela entrou em colapso exatamente no momento em que se passou a pensá-la como um mero meio de intervenção no mundo. Desde os anos 1930 ela

anda juntinha com o jornalismo. A crônica, o “romance crônica”, o “poema crônica” são fronteiras que separam a literatura da ficção, mera ficção; do poema, bom poema, da poesia.

Eu não vejo no poema “Turbulência” um problema de superação do mundo atual, mas sim da própria linguagem literária. E isso tenho percebido em outros textos. Os mais honestos, digamos, ainda que romântica a ideia assim posta. Há uma aparente busca pela prática de representação artística autônoma, que vai esbarrar no cânone e em alguns chavões da prática da escrita. Um deles, de que a literatura deve intervir na realidade, faz de bons autores meros jornalistas, cronistas de seu tempo. Mas o que define o tempo é a linguagem e isso acaba revelando a ideia de que a linguagem poética, para muitos destes autores, por si só, não é um modo de intervenção no mundo, de inventar novos tempos e de inventar seu próprio público.

LP: Excelente o debate. Continuo: Permita-me corrigir sua correção, Edilson. Para Bakhtin, todo discurso é dialógico, nem todo discurso é polifônico, porém. É o contrário do que você colocou. Cito, como referências, além do próprio Bakhtin, a Beth Brait, com os dois livros que ela organizou sobre conceitos de Bakhtin, e o livro da Diana Luz sobre dialogismo. Foi apenas por isso que tratei de polifonia. De qualquer forma, quando trouxe a questão da enunciação ao debate, mais precisamente, dos jogos de enunciação, não pensava nem em polifonia, nem em dialogismo. Pensava nos avanços da Linguística da Enunciação com o Benveniste, Meschonnic e o Culioli, que nos obrigam a repensar os conceitos que tanto sucesso tiveram com Bakhtin e outros como o de intertextualidade e o próprio conceito de enunciação. Sei que o espaço não é de discussão de teoria, mas apenas gostaria de esclarecer alguns ruídos de comunicação tão comuns nas trocas de e-mails e nos espaços de discussões virtuais, já que não se pode interferir no discurso do outro de forma imediata. Para

fechar a minha questão nesse debate sobre polifonia e dialogismo: há sim dialogismo no texto, como há em todo texto; também há polifonia, quando o autor utiliza a ironia. A questão, ao fim, é a que você mesmo coloca: se isso tem valor estético (outro desses “conceitos armadilha” que dizem coisas diferentes para todo mundo). Para mim, não. Esse uso não acrescenta ao texto uma estética da linguagem que seja particular ou uma prática artística acentuada mencionada por você. Quando há a lembrança, para citar ainda sua referência, Edilson, da figura do âncora no trecho de sua análise: “Eu quase escuto certo âncora virando-se para a câmara e dizendo ‘Turbulência. Sem o escândalo, muda a adaga de seta; no início, cabelos na montanha!’”, eu só posso concordar ou discordar (para que fique claro, discordo), não há como argumentar. Essa é uma sensação que o texto trouxe a você. Se fossemos utilizá-la como ponto de partida para uma análise, teríamos de precisar se essas referências, seguindo os preceitos da fraseologia, são acessíveis ao falante nativo de português, ou seja, é necessário precisar se todo falante nativo de língua portuguesa identifica nesse trecho uma referência ao telejornalismo. Mas eu posso estar sendo muito formalista (não seria a primeira vez que me apontam essa característica) e podemos, claro, debater as sensações que o texto nos trouxe. As regras seriam outras, no entanto.

Num segundo momento eu questioneei as questões do ritmo que você aponta no trecho: “o ritmo do poema produz, na leitura em voz alta, sensação de uma enunciação mista de lirismo e telejornalismo” gostaria muito que você mostrasse qual é esse ritmo, como ele está presente no texto. Para mim, como já disse, não ficam claras as questões de prosódia do texto. Elas parecem carecer de uma função no poema. Para que servem as rimas assonantes e os versos redondilhos? Não vejo como a repetição da palavra “Turbulência” marca um ritmo ou um diálogo intertextual.

Por fim, o discurso da crise. Eu levantei a questão por não ficar claro, para mim, o que estava em crise. O autor já nos explicitou que se trata da tentativa de exprimir um desconforto, sem que esse desconforto saia pela janela, diante da crise de 2008. Antes que houvesse essa explicitação, não havia ficado claro para mim por que essa posição acomodada diante da crise, quando o Rafael falou no que ele pensou ao escrever o texto as coisas se abriram um pouco mais. Como disse já no início, não acho que a literatura tenha de exprimir uma opinião sobre tudo ou, para usar suas palavras, que a literatura tenha de intervir no mundo, ao menos não necessariamente, embora não consiga entender: se a intenção não é intervir, qual a necessidade de publicação? E se a função do discurso (qualquer discurso, não apenas o literário) não é justamente intervir, jogamos fora toda a teoria performativa. Mas você há de concordar comigo que, relevadas a necessidade ou não de intervenção, se o autor escreve sobre a crise de 2008, ele deve querer intervir, caso contrário ele poderia escrever sobre as suas frustrações pessoais diante de um namoro rompido ou mesmo sobre a atual situação da ficção como fazem tantos autores contemporâneos, apenas para dar exemplos disso que você chamou de busca pela autonomia da arte. Para esclarecer: não acho que haja uma crise da literatura, mas, retomando a ideia central de *Poesia e crise* (2010) de Marcos Siscar (muito bom por sinal), há um discurso da crise. Coisas, obviamente, distintas e algo já percebido pelo próprio Rafael ao final de sua “defesa” (não acho que você deva ver como defesa, Rafael, mas como uma oportunidade, que poucos têm, de debater um texto literário).

EM: Realmente o debate funcionou. Que bom. Lucius, você então afirma que não existe o discurso monológico (não se trata de monólogo ou do lirismo usual). Todo discurso é dialógico. Acho que Bakhtin, pelo menos até onde li, se entendi o teórico russo, não diz isso. Aliás, ele caracteriza os vários domínios do monologismo e

do dialogismo. Mas já que você aceita haver o dialogismo no poema, talvez já nos entendamos um pouco mais por que, segundo eu compreendo o conceito de dialógico, ele é mais importante por revelar outra consciência de mundo. Eu estava tentando deixar por último o debate sobre os decassílabos e as redondilhas que você identifica no interior dos versos. Demorei-me a falar sobre eles porque vejo mais coerência em classificar a maior parte dos versos como hexâmetro. Isto é, o que parece ser redondilha são os pés do andamento do verso, que acabam coincidindo em suas rimas internas. Tentei esse caminho. Mas como não há constância nele, suponho arriscado pensar que eles possam ir além do que esse próprio tipo de metro propicia e que é certa fluência narrativa. Aliás, fiquei tentado a pensar que a partir da segunda estrofe as quebras de ritmo, mudanças de andamento (o que você percebeu como decassílabos, redondilhas internas), que é exatamente onde começam as turbulências, indicariam a própria instabilidade da estrutura poética do poema. Talvez seja arriscado pensar isso, mas também pode ser um caminho. Acho que não estamos aqui para resolver o poema. E à medida que o vamos examinando, mais seus mistérios se aprofundam. Uma coisa me incomoda, Lucius, nas suas colocações a respeito da discordância neste ponto das “turbulências”. Quando você fala em “falante nativo da língua portuguesa etc.” Porque segundo Main-
gueneau,

o domínio das leis do discurso e dos gêneros de discurso (...) são os componentes essenciais de nossa competência comunicativa, ou seja, de nossa aptidão para produzir e interpretar os enunciados de maneira adequada às múltiplas situações de nossa existência. Essa aptidão não requer uma aprendizagem explícita; nós a adquirimos por impregnação, ao mesmo tempo que aprendemos a nos conduzir na sociedade.¹

Os diversos tipos de discurso estão aí sendo produzidos, usados; ninguém nos ensina. Não vamos a uma escola aprender isso. E o poeta, na minha opinião, percebe, bem como o seu público, esse uso diverso porque ele não os inventa simplesmente; mas também não os usa literalmente. Retirado de seu contexto de uso, este se torna sua matéria prima, a palavra em estado bruto, que ele trabalha, processa de outro modo. Muito disso pode passar despercebido inclusive. Por que quando falei da impressão do âncora, essa experiência não foi particular, foi coletiva (o que é um dado interessante ao autor). Li com alguns colegas o poema. Cada um de nós ficou com um trecho. Eles mal sabiam ainda do que se tratava, eu próprio não sabia. E como foi lido em voz alta, a cada momento em que o termo “turbulência” aparecia, eles davam entonação diferente do resto. Involuntariamente ou exigência do ritmo? Algo para ser pensado. Desde o início isso estava na minha cabeça.

Andréa Catrópa: Acompanhei o debate de vocês e, como a leitura de apenas um texto de um autor cuja produção não tive a oportunidade de conhecer dificulta a compreensão de um projeto literário, prefiro fazer alguns comentários pontuais e, talvez, impressionistas:

1) Talvez haja um certo “descontrole” da matéria poética, manifestando-se de diversas maneiras: no vocabulário (termos elevados e eruditos convivem com termos coloquiais e lugares-comuns), na sintaxe (com desobediências à estrutura convencional, visando a mera comunicação, na construção das frases) e na estrutura (alternando frases e parágrafos curtos e longos). Se esse descontrole pode, por um lado, remeter à própria crise econômica e à sensação de impotência e incompreensão do tema por parte do cidadão comum; por outro, acho que ele causa estranhamento em um poema que parece dialogar com uma tradição experimental, que na literatura brasileira normalmente preza a consciência linguística.

2) Como o poema todo é fragmentário (apesar da unidade temática), trazendo ideias truncadas e diferenças de registro (um mais próximo da tradição lírica, outro da colagem prosaica, outro, ainda, da ironia), ele permite ao leitor captar uma atmosfera genérica de indignação, via tratamento poético, de uma “atualidade”. No entanto, o fechamento destoa dessa estrutura anterior, trazendo uma obediência sintática que torna por demais simples e conclusivas as afirmações finais. Ou seja, toda a “turbulência” do texto talvez prometa um desfecho mais desafiador para o leitor que o acompanhou até a última linha.

3) Como aspecto positivo, ressalto a utilização dos motes mais líricos (“Sem o escândalo, muda a adaga de seta; no início, cabelos na montanha!” ou “um coração, de tomar as espadas, de domar o dragão, desde os desdobramentos.”) ao lado da estrutura desumana do capital – esse contraste me interessa mais do que a ironia apocalíptica (que já estava em Sousândrade, mencionado pelo Lucius; no Lorca do “Poeta em Nova York”; no Piva...), já que trilha uma senda menos conhecida na poesia.

4) Se eu puder fazer duas sugestões ao autor: a) examinar bem o “descontrole” a que me referi, para reavaliá-lo a sua pertinência; b) considerar a possibilidade de – ao lado dos registros mais prosaicos – estabelecer uma voz lírica que incorpore, de forma crítica, o discurso da crise econômica, apropriando-se dela de forma peculiar e rejeitando a predominância de um mimetismo empobrecido. **RC:** Oxe! antes de mais nada aceite o termo: DEBATE. Estou lendo tudo direitinho aqui, grifando, fazendo as anotações ao lado... Mas admito que há um certo sentimento de mamãe-com-filho, que não consigo esconder frente aos colegas! QUASE UMA CRISE!

...

Deixo o cartesianismo um pouco de lado e escrevo alhures.

...

Pela tradição aprendi (uma coisa simples) que poemas têm lá suas características: repetições de palavras, rimas, redondilhos, decas, hexas, dodes... decas que são redondilho + hexa, dodes que são hexa+hexa ou redondilho+redondilho+redondilho, etc...

Essas formas possuem hoje um estranhamento muito maior por parte do leitor do que um “verso livre modernista” ou “um jogo morfológico do tipo concretista”... E uma aversão na literatura, pelo menos naquela que se pretende literatura.

O que parece uma contradição, que só vejo agora depois que li aquilo que vocês escreveram sobre aquilo que eu escrevi, o estranhamento entre público e obra, como assim querido à lá modernismo estereotipado, é ali também construído com o uso de formas mais conservadoras ou daquilo sentido como poesia mais tradicionalmente.

...

Citações: AUTORIDADE NO ASSUNTO... do ESPECIALISTA NA MATÉRIA... o assunto, crise econômica (literária também?), “valioso” como esse!, tem lá seus guardiões da verdade... e, no poema, em nenhum momento a fala deles é 100% coloquial, ou 100% qualquer coisa: há uma diferença de tom, uma regularidade prosódica, uma repetição... um estranhamento de entre como escrever e aquilo como é “realmente” escrito.

Se algum dia, uma âncora, tipo Fátima Bernardes, disser, olhando pra câmera: “Turbulência. Sem o escândalo, muda a adaga de seta; no início cabelos na

montanha. E vejam a seguir...” iria ficar um tanto quanto ENSIMESMADO !

...

O acontecimento econômico, como digo aqui, tem lá seus assuntos: mundializado, financeiro, cientificializado (ou melhor: matematerializado), blá-blá-blá.

Não sei até que ponto isso é determinado pelo telejornalismo (ou jornalismo “mesmo”, o escrito)... ou acontece o contrário... mas que é assunto é.

(E sei que tratam de “INTERESSES” que acredito não se coadunarem com os propósitos do poema.)

O acontecimento não faz o discurso ali no poema (sim, poema), o discurso faz o acontecimento.

É uma coisa até simples na minha cabeça que seria responder algo do tipo: o que o discurso literário faz com os acontecimentos?

“Faz” pra ser bastante performativo ;)

Ao adotar uma linguagem de DECLAMAÇÃO, de TOM ELEVADO, sujeitado a “truques formais” que façam o leitor perceber o outro tom, o outro modo de dizer, o outro modo de dizer a mesma coisa... quero sim fazer ver de outra forma as mesmas coisas.

CONTUDO, isso com nenhum propósito de “apontar um caminho/ uma solução/ um jeitinho”, ou (por que não?) um “final feliz”... se pá, como querem os jornalistas. Não há mocinho, super-herói: ninguém vos iluminará!

Alguns poetas sabem disso há muito tempo... e exprimiram essa dor/ esse fracasso/ essa crise/ essa turbulência... Até mesmo falando de amorzinho tolo...

está aí um sentido literário da crise que devia ser mais pensado!

Se aponto um caminho, é de contemplar a “crise/turbulência/dor/fracasso”, como uma lição maior do que uma simples notícia de jornal.

Como um “olhem, mundo (todos nós, no mundo, hoje, aqui, agora), com isso que aconteceu, vimos que mais uma vez a natureza humana...” (nem esperem eu dar nomes aos bois).

Ou então: “FAZER VER a crise de outra maneira... não a crise dos bancos... O MERCADO ESTÁ EM CRISE. Quem é o mercado? me respondam! Por que a crise dele é mais importante que a minha?”

Tudo isso com recursos bem emblemáticos daquilo desenvolvido no interior do discurso poético.

Ainda: De repente a minha crise é por causa da crise dele... Sei lá, também não sei responder, mas SINTO, como muitos. Não há uma opinião otimista da autoridade. Não há uma opinião solucionista do especialista (do tipo “o que o governo deve fazer”). Também não sei se é um convite à revolução... Só me identifico numa grande massa amorfa de US\$ e com ela vejo o trem passar... é o que sinto, não é aquilo que proponho. O final do poema, depois da crise, se acomoda mesmo...

....

Tem aqueles estudos do Bakhtin acerca do bufão, não tanto quanto a polifonia/ dialogismo, mas a figura de anti-herói que revela a todos as máscaras sociais do seu redor presente. Tipo isso...

...

Me lembrei de um dado importante na primeira publicação desse poema: foi no meu blog: existe lá uma concepção de que o objetivo não é SOLUCIONAR, mas SE IDENTIFICAR: no caso: mostrar a crise a iguais, talvez a crise das crises: a crise do sujeito enquanto incapaz de ser chefe de suas ações...

Há nessa esfera também a possibilidade de blogues tratarem de economia, de política, de poesia...

...

O descontrole da matéria poética eu pensei sim. Mas chamei isso de “cacos literários”. Tem a ver com minha concepção de literatura (por assim dizer) de vê-la enquanto ruínas... Coisa simples também: tipo de diálogo com os mortos: falar da mesma forma sobre a coisa agora é falar a mesma coisa do que antes eles falaram... Aí é outros \$500 ^^.

EM: Vou finalizar aqui minhas colocações. Achei a experiência do debate via correio eletrônico bastante interessante. Houve um pouco de equívoco, infelizmente, pela própria natureza da comunicação nesse tipo de mídia, mas que não me preocupou muito não. No geral, achei bastante produtivo. Estamos todos de parabéns. Acho eu. Alguns destes equívocos por minha causa. Eu tenho tratado de literatura atual, de escrita atual, sem nenhuma ideia ou vínculo com o selinho de “história da literatura”, “Literatura Contemporânea”. Acho que isso data a literatura, a faz ser contemporânea de algo que não é mais atual porque tem pressupostos, categorias e valores próprios matizados na cadeia da recepção crítica de modo geral já traçada dentro de uma tradição. Acho que tratar de escrita atual é encarar o fato de que ela talvez não queira vincular-se ao canônico, às estruturas tradicionais, e que muitas das escolhas feita pelo artista visam outro projeto literário e poético. Não procuro reconhecer a mim mesmo nem minhas próprias expectativas nos textos produzidos no agora. Mais de

uma vez eu tenho lido e analisado alguns autores (seus textos), como o Rafael Coelho, que mal se viram ou se conhecem, e percebido certo ponto de contato entre eles. Este ponto de contato é uma ideia de Literatura atual, que talvez não tenha ficado clara nas minhas colocações, mais ou menos como pensa Blanchot em *O livro por vir*: “a arte é também o que há de mais duro – indiferença e esquecimento – para com suas próprias vicissitudes históricas (...)”². A crise econômica/imobiliária/especulatória, por exemplo, pode ser um elemento poético desde que abstraído do setor econômico (acho que o Rafael fez isso, de certo modo). Sob a pena de não ser arte e talvez mal resvalar a história. Quem sabe no que isso vai dar? Acho isso um mérito do artista que procura uma nova e genuína expressão de seu tempo. O que é a arte e a história agora? O que vai definir isso no futuro? Se o caminho da arte é acompanhar os passos do desenvolvimento político, econômico, ideológico, cultural etc. ou só puder se desenvolver sob as diretrizes destes setores da vida (*avantgarde*), ela própria negaria sua condição primária de “ser” um setor da vida, a arte. Isso de certo modo a faz ser crônica de seu tempo, não pelos seus conteúdos, fatos, acontecimento; mas na medida em que ela própria se faz um acontecimento, algo novo no mundo (acho que estamos de acordo, não, Rafael?). O acontecimento, para mim, é o poema, não a crise econômica. Está última, abstraída, sem deixar de nos reenviar a seus sentidos ulteriores, é um dos planos do texto. Um motivo na moldura poética, pintado não com suas próprias tintas, mas com as impressões do artista. Assim, o que procurei discutir foi a adequação da estrutura com o assunto, num todo, conforme prática autônoma. Veja, repetir certos elementos (mencionados por Rafael) não significa que eles sejam idênticos ao que já aconteceu ou o que já foi antes. Jauss fala, por exemplo, que o conceito de moderno atravessou o tempo sem significar a mesma coisa na cadeia histórica da arte. Ele até se tornou o inverso do que se pensava num tempo. Quando lemos num poema de Adília Lopes referências a Camões, Horácio,

Fernando Pessoa e confundimos isso como uma retomada da tradição, mera retomada, não percebemos a resignificação destas referências dizendo algo que não é próprio daqueles autores, mas dela e só dela. Tentei isso no poema “Turbulência”. A redondilha, o decassílabo, os enjambements que lá percebi, para mim, não interessavam senão para a construção de algo próprio do nosso modo de ser historicamente, de pensar, de ser consciência, de pertencermos a um tempo do qual não podemos nos abstrair ou nos ausentar. Talvez isso não tenha sido possível. Mas tenha deixado algumas pegadas interessantes para o porvir.

LP: Eu encerraria a minha participação no debate com a última intervenção, mas a afirmação de Edilson de que houve equívocos me incomodou bastante. Para que fique claro, incomodou-me não por ter sido eu a cometer os equívocos, mas por acreditar que, em um debate, não há possibilidade alguma de equívoco; o que pode haver são posições distintas. Não consigo entender a palavra “equívoco” aqui nem mesmo como uma dificuldade de compreensão das ideias destes que estão envolvidos no debate. O que houve foi discordância quanto a qualidade de um texto, apenas um texto. Acho muito difícil que isso reflita uma opinião geral sobre a literatura contemporânea ou mesmo sobre toda a obra do Rafael, como bem apontou a Andrea em sua colocação.

Eu, pessoalmente, achei fraco o poema, pois não ficaram claras para mim várias das escolhas expressivas e técnicas feitas pelo poeta. A retomada da tradição, obviamente, nunca é só uma retomada, é uma reconstrução de sentido, é um jogo de enunciações, etc... O Edilson mencionou o Jauss (é uma ideia do “Estética da recepção como provocação...”, não é?) poderíamos retomar a Kristeva, Meschonnic, Vincent Jouve, etc... Todos falando questões muito semelhantes. A questão é que esse jogo, no texto em foco, como já disse, me parece apenas isso: um jogo. Não acrescenta nada

à linguagem poética, não acrescenta nada ao debate sobre as crises do ser humano e do sujeito no mundo contemporâneo. É uma manifestação subjetiva, como qualquer texto, que não consegue se colocar, intervir no mundo e, por isso, parece não ultrapassar esse espaço de subjetividade. Isso é a minha visão. Pode ser que, em outros textos, Rafael consiga fazer isso com maestria. Esse processo ocorre com qualquer poeta, há poemas que são bons, outros que não são. Escolhemos apenas um poema do Rafael para analisar e isso pode ser muito cruel com o escritor, pois um texto dificilmente serve para representar o projeto poético de quem quer que seja. Repito: dizer que o poema é fraco, é ruim ou apresenta problemas de construção não significa, na minha visão, uma generalização do estado da poesia contemporânea ou atual, como colocou Edilson.

Buscamos discutir a mesma coisa: a adequação da estrutura com o assunto, num todo, conforme prática autônoma. Talvez tenhamos uma compreensão muito distinta do que é autonomia da arte. Para mim autonomia não é desvinculação total entre o texto e o contexto, a ponto de dizer que o poema é o acontecimento e não a crise. Ambos são acontecimentos. A autonomia da arte está subjugada a um campo de forças, para retomar Bourdieu, que constrói a compreensão de como essa autonomia deve funcionar. Hoje temos uma parte dos críticos literários universitários, aqueles que não escrevem textos ficcionais, dizendo que a literatura contemporânea é uma porcaria; por outro lado temos críticos literários que escrevem textos ficcionais ao lado de blogueiros, críticos de rodapé, dizendo que é a crítica que se fecha para o novo. A questão não é quem está certo e quem está errado, mas quem terá mais força ao final do embate (e não do debate).

Se há, de fato, um reposicionamento da literatura atual quanto a sua relação com a história, algo que vai além do mero desejo dos escritores, o que deve acontecer não é ignorar os decassílabos e redondilhas, os

hexâmetros e os pés. Até porque essas são questões rítmicas antes de serem questões históricas e que ajudam na construção do sentido. No texto em questão não fica claro o sentido de um decassílabo ou de uma redondilha. Essa foi minha objeção.

EM: Aliás, vou citar o que tinha dito: “Mais de uma vez eu tenho lido e analisado alguns autores (seus textos), como o Rafael Coelho, e percebido certo ponto de contato entre eles, que mal se viram ou se conhecem.” Este ponto de contato é uma ideia de Literatura atual que talvez não tenha ficado clara nas minhas colocações. Talvez ainda não tenha ficado claro. Reforço. Não estamos debatendo o autor, mas seu texto, entre outros, no contexto da prática literária atual. Seríamos cruel com o autor se estivéssemos resumindo tudo num só poema de toda sua produção isoladamente. Bem, o poema e seu autor fazem parte de um momento atual do processo de produção literária e pensá-lo a partir da seleção de um dos seus trabalhos não significa julgá-lo exclusivamente. Bem, era o que tinha a dizer. O que deve deixar claro também que, nesse caso, “questões rítmicas” são “questões históricas”; se assim não fosse,

a própria linguagem deixaria de ser histórica; negaríamos sua historicidade. É porque que a linguagem é um fato histórico que podemos debater um poema sob o ponto de vista de um evento mais abrangente, menos particular, menos pessoal, se nossa busca for essa prática literária enquanto evento histórico.

Referências bibliográficas

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

Notas

- 1 Dominique Maingueneau, *Análise de textos de comunicação*, p.41.
- 2 Maurice Blanchot, *O livro por vir*, p.35.